

Nome do Corpo Hídrico: Rio Sarapuí



Fonte: Mapio.net



Fonte: <https://aiceblog.wordpress.com/>

Região Hidrográfica (RH): Inserido na RH Baía de Guanabara e dos Sistemas Lagunares de Maricá e Jacarepaguá; RH V do estado, que é a área de atuação do Comitê de Bacias Hidrográfica Baía de Guanabara e de seu Subcomitê Trecho Oeste.

Macrorregião de Drenagem: Baía de Guanabara

Sub bacia: Rios Iguaçu – Sarapuí

Localização da nascente: Maciço da Pedra Branca / Serra de Bangu

Localização da foz: Rio Iguaçu

Comprimento: 36 Km

Origem do nome: "Sarapuí" é um termo derivado da língua tupi: significa "rio dos sarapós", através da junção dos termos *sarapó* (sarapó) e 'y (rio). Por sua vez "Sarapó" procede do tupi sara'pó, que significa "desprende mão", isto é, "desliza da mão" e que se referia um peixe teleosteo caraciforme da família dos gimnotídeos.

História: O rio Sarapuí, que já foi nomeado Rio Santo Antônio, nasce na serra de Bangu e atravessa o vale de mesmo nome. Em seguida, se encontra com o Rio Iguaçu, no município de Duque de Caxias, na região da Baixada Fluminense, e suas águas finalmente chegam na Baía de Guanabara.

Sua nascente está localizada na serra da Bangu, no maciço da Pedra Branca, numa altitude de aproximadamente 900 m. Seu comprimento total, medido da nascente até sua foz, no ponto de encontro com o rio Iguaçu, é de, aproximadamente, 36 km. Seus afluentes principais são os rios Socorro, Santo Antônio e da Prata, as valas Bom Pastor, Jardim Gláucia, Gaspar Ventura, dos Teles, Bananal, os canais do Peri Peri e do Rocha e o Valão Coletor Jardim Gramacho.

Destaca-se ainda que este curso d'água é também susceptível às variações de maré da baía, o que contribui para uma entrada de vazão, na sua foz, proveniente da Baía de Guanabara. Desta forma, este curso hídrico pode ser considerado como um estuário em seus trechos a jusante e, por conseguinte, possui contribuição salina.

Não é raro que ocorram fenômenos de inundação dos rios da sub bacia Iguaçu – Sarapuí. Isso ocorre não pela sua reduzida capacidade de escoamento, característica física natural desta sub bacia, mas agravada por processos antropológicos, tais como impermeabilização do solo e entulhamento dos corpos hídricos por sedimentos e lixos domésticos. Ao longo da história, foram realizadas obras hidráulicas visando facilitar os escoamentos de suas águas através da retificação de seus cursos. No entanto, estas intervenções não foram suficientes para evitar os problemas das enchentes locais. Tal fator advém do fato de, não só o rio Sarapuí, como também os demais corpos d'água desta sub bacia, terem seus regimes diretamente

relacionados às chuvas nas Escarpas da Serra do Mar, que apresentam regime torrencial, como também à oscilação das marés. Quando ambos os fatores atuam de forma conjunta, a situação é ainda mais crítica.

Devido aos processos de retificação realizados em alguns corpos d'água da sub bacia, ocorreu o rebaixamento de lençol freático em algumas regiões. Este fator contribuiu para a erosão dos rios em suas margens, dada a dificuldade dos terrenos localizados na região da Baixada em escoar suas águas. Além disso, este processo contribuiu para a ocupação desordenada da região então erodida. Trata-se de uma situação de extrema complexidade, visto que estas áreas permanecem sujeitas a situações de inundações, mesmo que estes fenômenos ocorrem apenas devido a chuvas intensas com períodos de recorrência maiores (MOURA e PEREIRA, 2016)¹.

Fontes Bibliográficas

CAMARGO, Aspásia e SANTA ROSA, Márcio. A Epopeia do Saneamento: da revolução sanitária às tecnologias do futuro. 1 ed. - Rio de Janeiro: Letras Capital, 2022.

CARVALHO, Juliana de [et al.]. O Rio que é Azul. Rio de Janeiro, Bang Filmes & Produções, 2014.

RIO DE JANEIRO. Rios de Janeiro: Um manual dos rios, canais e corpos hídricos da cidade do Rio de Janeiro. Fundação Rio-Águas, 1ª Edição, Rio de Janeiro, 2020.

¹ MOURA, Paula Nacif de; PEREIRA, Thatiana Vitorino Castro. Análise da contribuição de esgotos sanitários ao rio Sarapuí de acordo com o prognóstico das bacias de esgotamento da região: aplicação do modelo de Streeter-Phelps/ Paula Nacif de Moura e Thatiana Vitorino Castro Pereira – Rio de Janeiro: UFRJ / Escola Politécnica, 2016.